

## **A HETERONORMATIVIDADE NAS REPRESENTAÇÕES DE PERSONAGENS NÃO-HETEROSSEXUAIS NAS TELENOVELAS DA REDE GLOBO (1998 A 2008)**

Leandro Colling<sup>1</sup>

O texto apresenta parte dos resultados de uma pesquisa, ainda em desenvolvimento, realizada por pesquisadores do grupo Cultura e Sexualidade (CUS), do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT), da Universidade Federal da Bahia. A pesquisa pretende analisar todas as telenovelas, exibidas pela Rede Globo de Televisão, que contiveram em seu enredo personagens não-heterossexuais (homossexuais, lésbicas, travestis, transexuais, transgêneros, intersexos e bissexuais). Nesse texto, destacaremos cinco formas com as quais 10 telenovelas, exibidas a partir de 1998, construíram a representação desses personagens dentro de um modelo que consideramos heteronormativo.

Em um primeiro texto (Colling, 2007), realizamos um levantamento geral das telenovelas exibidas pela Rede Globo, de 1974 a meados de 2007. O trabalho destacou três tipos de representações. No início, as telenovelas associaram os personagens à criminalidade. Depois, construíram personagens baseados nos estereótipos da “bicha louca”/afetada e/ou afeminados. Nos últimos anos, especialmente a partir da década de 90, como destacaremos nesse texto, as tramas passaram a representar personagens homossexuais cada vez de uma forma mais heterossexualizada. Agora, nesse texto, nosso objetivo é o de verificar as diferentes formas com as quais esses personagens foram enquadrados dentro de um modelo heteronormativo (sobre teoria *queer* e heteronormatividade, ver Miskolci, 2007).

A metodologia usada pelo CUS (ver Colling 2008) parte dos estudos de Moreno (2001) e Peret (2005). Porém, ao contrário desses dois pesquisadores, o CUS sofre influência da teoria *queer*. Uma das diferenças das análises, em comparação às realizadas, está na crítica das representações dos homossexuais dentro do modelo heteronormativo. Os outros pesquisadores, por vezes, elogiam essas representações e criticam as obras que possuem personagens considerados afeminados e/ou estereotipados. A nossa hipótese é que, uma vez humanizado, o personagem afeminado não reduplica necessariamente a homofobia.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professor do IHAC (Instituto de Humanidades, Artes e Ciências) Professor Milton Santos, da UFBA, pesquisador do CULT (Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), onde coordena o grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS). Endereço eletrônico: colling@oi.com.br.

Consideraremos humanizado o/a personagem que não é abjeto (Pris e Meijer, 2002:161 e Butler, 2001, p. 161).

Nas análises das telenovelas, observamos vários aspectos. Entre eles, verificamos aspectos da linguagem utilizada e da composição geral do personagem. Os tipos de gestualidade foram divididos em: Estereotipada; Gestualidade típica de alguns sujeitos *queer*, especialmente os adeptos de um comportamento/estética *camp*; Não estereotipada (gestual considerado "normal" e "natural", inscrito dentro de um comportamento heterossexual). Também analisamos a subgestualidade, que "compreende o vestuário, maquiagem e adereços utilizados/usados pela personagem" (Moreno, 2001:167).

Feito isso, analisamos seqüências de cenas e as características gerais da personalidade do personagem. Nos aspectos sobre a sexualidade do personagem, verificamos se o personagem se apresenta (assume verbalmente) como gay, lésbica, travesti, transformista, transsexual, transgênero, intersexo, bissexual. Além disso, apontamos em que ponto da narrativa fica claro que o personagem é não-heterossexual.

Analisamos ainda como se dá a performatividade de gênero dos personagens e tentamos responder a seguinte pergunta: que normas ou conjunto de normas o personagem reitera e/ou reforça? Por fim, apresentamos um resumo conclusivo e redutor sobre a representação dos homossexuais nas telenovelas:

Resultado 1: forte carga de estereótipos e outras características que contribuem para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 2: caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade *queer*, constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia;

Resultado 3: caracteriza os personagens dentro de um modelo heteronormativo que contribui para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 4: caracteriza os personagens dentro de um modelo heteronormativo, mas constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia.

Resultado 5: indica uma representação dúbia e produz dúvida sobre o tratamento dado.

Nesse texto, apenas apresentaremos as conclusões sobre a performatividade de gênero e os resumos conclusivos de 10 telenovelas exibidas entre 1998 a 2008. Nesse artigo, tra-

taremos sobre as seguintes telenovelas: *Torre de babel*, *Suave veneno*, *As filhas da mãe*, *Mulheres apaixonadas*, *Da cor do pecado*, *Senhora do destino*, *América*, *Páginas da vida*, *Dois caras* e *A favorita*. Por questões de espaço, aqui não daremos informações sobre o enredo das telenovelas e demais informações. Isso o leitor pode encontrar nos textos específicos sobre cada obra, elencados abaixo nas referências bibliográficas.

## AS NOVELAS

*Torre de babel* pode ser considerada um bom marco das mudanças ocorridas na representação da homossexualidade nas telenovelas da Rede Globo. Exibida de 25 de maio de 1998 a 16 de janeiro de 1999, a obra, desde o início, contava com duas conhecidas atrizes brasileiras - Christiane Torloni (Rafaela) e Sílvia Pfeifer (Leila) - no papel de um casal de lésbicas de classe alta. As duas faziam parte do núcleo central da trama, o que é raro nas telenovelas da Globo que possuem personagens não-heterossexuais, e eram famosas estilistas. Em função da polêmica que se instalou na época, o autor Silvio de Abreu resolveu matar as duas personagens ainda na primeira fase da trama.

O autor, segundo entrevistas publicadas na imprensa, acredita que a população brasileira não estava preparada para aceitar um casal de lésbicas já a partir do início da telenovela. Abreu havia sido bem sucedido com um casal inter-racial de jovens gays em *A próxima vítima*, exibida três anos antes. No entanto, diferente de *Torre de babel*, naquela telenovela a construção do casal e da revelação da homossexualidade foi realizada aos poucos (Braga, s/d).

Interessa aqui, no entanto, saber como ocorreu a performatividade de gênero das lésbicas de *Torre de babel*. As duas se apresentaram totalmente inscritas dentro de um modelo heteronormativo, em especial dentro de uma performatividade de gênero esperada de uma pessoa do sexo feminino. Ambas eram muito delicadas, elegantes, educadas e sinceras. "Não há na representação deste casal uma lésbica masculinizada e a outra feminina, a reprodução do modelo heteronormativo pela performatividade através do modelo *butch* e *femme*, não acontece", destaca Braga (s/d).

No entanto, a força da heteronormatividade se apresenta de outras formas nesse casal. Assim como viria a ocorrer quase dez anos depois em *Páginas da vida*, de autoria de Manoel Carlos, com os personagens gays Rubinho e Marcelo, Leila e Rafaela, apesar de evi-

denciarem amor recíproco, parecem não possuir vida sexual ativa. Elas, assim como eles, não se tocam, não manifestam nenhuma forma de carinho explícita, como beijos, muito menos transam. Fica evidente, nesses dois casais, que a proposta dos autores era a de não chocar os telespectadores e a presumida heteronormatividade que vigora sobre eles.

Apesar disso, Manoel Carlos não precisou matar os seus personagens. O que possibilitou a aceitação do casal de gays e a rejeição das lésbicas? Três das razões possíveis: os gays não faziam parte do núcleo central da telenovela, apareciam pouco nos capítulos, eram representados por atores desconhecidos e, além disso, personagens gays ou lésbicas, nos últimos anos, já não chamam mais a atenção da imprensa, logo, não se instala tão facilmente qualquer polêmica em torno do assunto.

No tocante ao nosso resumo conclusivo, acreditamos que tanto *Torre de babel* quanto *A próxima vítima* também colaboram para a solidificação de um discurso ainda muito corrente na sociedade, a de que existe uma forma “normal” e “natural” de viver a sexualidade. Não é difícil encontrar, inclusive, depoimentos dos atores e dos autores dizendo que a proposta deles era a de não criar personagens caricatos, afeminados, mas sim personagens “normais”, como qualquer pessoa (Braga, s/d e Santos, s/d).

Por isso, esses personagens, ainda que sejam humanizados e apresentem a questão da homossexualidade para a sociedade, acabam com reduplicar a homofobia e o preconceito, pois a linha coerente entre sexo-gênero-desejo-prática sexual (Butler, 2003), motor da heteronormatividade, não chega a ser totalmente problematizada e desconstruída, especialmente no que tange aos dois primeiros aspectos, o sexo e o gênero. Por isso, as duas telenovelas foram enquadradas no resultado 3 de nossos resumos conclusivos.

Em *Suave veneno*, exibida de 18 de janeiro a de 18 de setembro de 1999, de autoria de Aguinaldo Silva, temos três personagens gays - Diogo Vilela (Uálber), Luiz Carlos Tourinho (Idilberto) e Heitor Martinez (Claudionor) - bem diferentes dos de *A próxima vítima*. Os dois primeiros são bastante afeminados, se vestem com roupas espalhafatosas, são carismáticos e foram bem aceitos pela audiência. No entanto, como frisa Araújo (2009, p. 12)

Idilberto fala de si mesmo no feminino o tempo todo, e sempre é mostrado em situação servil com relação a Uálber. Limpando a casa, cuidando de afazeres domésticos outros, fazendo companhia a Maria do Carmo, ajudando o paranormal nas suas tarefas espirituais diárias, etc.

Se, por um lado, a questão da essencialidade do gênero é desmantelada aqui por Idilberto, que fala de si no feminino, por exemplo, além de usar salto alto mesmo sem ser uma travesti ou transexual, por outro lado a situ-

ação em que é colocado com relação ao seu padrão evoca uma série de normas absurdas sobre a feminilidade.

Araújo destaca que Claudionor, por quem Uálber é apaixonado, é quem aciona todos as características do macho heteronormativo e chega a tratar Uálber mal, especialmente quando esse manifesta sua paixão. Assim, Idilberto é submisso a Uálber, mas esse, por sua vez, é submisso a Claudionor, que aparece no topo da hierarquia com a sua masculinidade exacerbada.

Na verdade, *Suave veneno* e outras telenovelas que serão acionadas a seguir, é uma das tantas que inscrevem casais homossexuais dentro de um modelo heteronormativo através da clara delimitação de papéis entre os personagens. Ou seja, o telespectador logo identifica quem é a “mulherzinha” da história, que sempre é submissa aos caprichos do “homem macho” da relação. Apesar disso, em função da humanização do personagem Uálber, Araújo considerou que a representação da homossexualidade, em *Suave veneno*, é dúbia e produz dúvida sobre o tratamento dado (resultado 5).

Em *As filhas da mãe*, exibida de 27 de agosto a 19 de janeiro de 2002, Sílvio de Abreu volta e desta vez opta por criar a primeira personagem transexual das telenovelas da Rede Globo. Ramona (Claudia Raia) é apaixonada por Leonardo e, no final da trama, ambos superaram as dificuldades e ficam “juntos para sempre”. Sobre a performatividade de gênero desse casal, Colling e Sanches (2008, p 13) dizem:

Vários aspectos da narrativa de *As filhas da mãe* nos levam a concluir que o relacionamento de Ramona e Leonardo está incluso num modelo heteronormativo de representação. Fica evidente a distinção dos papéis de gênero desempenhados por cada um. Ramona é demonstrada como carinhosa, passiva, romântica e frágil. Leonardo, por sua vez, é viril, forte e promíscuo. Ramona foi apresentada durante o enredo com dotes femininos para o trabalho, já Leonardo se delimitava aos seus trabalhos de arquiteto e empresário.

Além de trabalhar com um binarismo homem/mulher, e de ter escolhido uma conhecida atriz e mulher para o papel, o que pode ter produzido uma confusão na cabeça do telespectador, os autores destacam que, no final da trama, Abreu demonstra a necessidade de se realizar uma união civil e religiosa entre os personagens. No entanto, a personagem é humanizada, sua história complexa é explorada em algumas cenas, o que possibilitou os autores concluírem que a representação, mesmo tendo foco em um modelo heteronormativo, contribuiu para a diminuição dos preconceitos e da homofobia (resultado 4).

Se em *Páginas da vida* Manoel Carlos produziu um dos casais gays mais inscritos dentro de um modelo heteronormativo na história da telenovela da Globo, em *Mulheres apaixonadas*, exibida de 17 de fevereiro a 11 de outubro de 2003, ele fez praticamente o mesmo com o casal de adolescentes lésbicas Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli). Assim como os gays, as lésbicas de Manoel Carlos estavam inscritas dentro de uma performatividade de gênero heterossexual, desta vez elas desempenhando totalmente o papel esperado de alguém do sexo feminino. Uma das diferenças é que elas, ao contrário deles, têm uma história mais complexa, enfrentam os preconceitos em casa e na escola, o que, entre outros aspectos, leva Lopes a crer que as personagens foram humanizadas e acabaram por contribuir, pelo menos em algum grau, com a diminuição dos preconceitos e da homofobia (resultado 4). No entanto, destaca Lopes (2008, p. 14-15), elas possuem

o perfil de mulheres extremamente sensíveis, frágeis, quase vitimizadas pela narrativa, esboçam um modelo de feminilidade fixo, bem definido, sem ambigüidades ou tensões, refletindo uma constante repetição e reiteração das “normas dos gêneros na ótica heterossexual” (Louro, 2001, p.548). Há, portanto, uma “negação de especificidade de um desejo homoerótico” (Tyler, 1991 *apud* Lopes, 2002), na medida em que a performatividade de gênero é definida a partir da operação de um modelo que consente com as normas regulatórias da sexualidade.

Despidas de qualquer erotização, numa hipersensibilidade que chega quase a dispensar o tato, as lésbicas de *Mulheres Apaixonadas* reiteram performativamente os papéis dominantes atribuídos ao gênero a que são recrutadas, sugerindo uma propensão ao afeto e, portanto, favorecendo o clima de “amizade colorida” criado em torno de um relacionamento amoroso predominantemente ambíguo.

O mesmo resultado e quase a mesma análise foi feita por Lima (2008) em relação ao casal de lésbicas de *Senhora do destino*, telenovela de Aguinaldo Silva, exibida de 28 de junho de 2004 a 12 de março de 2005. Eleonora Ferreira da Silva (Mylla Christie) e Jennifer Improtta (Bárbara Borges) também eram bastante femininas, se vestiam com roupas femininas, tinham instintos maternos, desejavam constituir família, queriam casar e gostavam de discutir assuntos comumente atribuídos ao universo das mulheres. Ao final, elas ficam juntas e adotam uma criança. A diferença é que Lima percebe o binarismo homemxmulher na relação de ambas. Leo trabalha como ortopedista, é decidida, independente e se reconhece como lésbica, já Jennifer vive sob a proteção do pai e, ao contrário da companheira, é sensualizada em quase todas as cenas em que aparece.

A mesma telenovela também contou com outros dois personagens homossexuais, Ubiracy (Luiz Henrique Nogueira) e Turcão (Marco Vilella). Aqui, segundo Araújo (2008), a hete-

ronormatividade ficou ainda mais explícita, uma vez que o primeiro foi representado claramente como a “bicha afetada”, passiva, neurótica, afeminada e engraçada, mas que provoca um riso perverso, enquanto o segundo desempenhou o papel do “machão”, viril, calado, ativo, centrado. Para Araújo, ainda que contenham diferenças, ambos acabam não sendo humanizados e que essas representações dos gays, ao contrário das lésbicas da mesma telenovela, acabam por reduplicar a homofobia e os preconceitos. Logo, os pesquisadores atribuíram o resultado 3 para os gays e o resultado 4 para as lésbicas da mesma telenovela.

A representação ainda mais debochada e caricata foi produzida, segundo Pirajá (2009) através do personagem Pai Gaudêncio (Francisco Cuoco) em *Da cor do pecado*, de João Emanuel Carneiro, exibida de 26 de janeiro a 28 de agosto de 2004. A autora chama a atenção que, além de reforçar os estereótipos do gay afetado, não humanizado e motivo de chacota, a telenovela também reduplica os preconceitos em relação ao Candomblé e a Umbanda, algo já bastante explorado na televisão, como no caso do conhecido personagem Painho, de Chico Anysio (resultado 1).

Um gay afetado, ou um casal gay em que cada um desempenha um papel considerado masculino e outro feminino não necessariamente reduplica a homofobia. Uma prova é a representação do casal Bernardinho (Thiago Mendonça) e Carlão (Lugui Palhares), em *Duas caras*, exibida de 1º de outubro de 2007 a 31 de maio de 2008. Bernardinho era um cozinheiro ligeiramente afetado, saltitante e de voz fina. Ele não chegava a ser uma “bicha louca”, mas era bem afeminado. O musculoso Carlão tinha aparência sisuda e modos grosseiros, indicando masculinidade e o caráter machista da personagem.

Em entrevista à imprensa, Aguinaldo Silva disse que não pretendia produzir um casal gay como se fosse um casal heterossexual, em clara referência aos personagens de *Páginas da vida*. No entanto, havia em *Duas caras* explicitamente a distinção entre os papéis desempenhados por Bernardinho e Carlão. “O primeiro é a mulher da relação, passiva, cozinheira, provedora da casa, delicada. O segundo é o macho, violento, segurança, incapaz de fazer trabalhos historicamente atribuídos às mulheres, como o de lavar pratos, por exemplo” (Colling e Barbosa, 2008, p. 14)

*Duas caras* também merece destaque porque, ainda que o autor não tenha radicalizado no rompimento das fronteiras de gênero, de todas as telenovelas exibidas até hoje pela Rede Globo essa foi uma das mais audaciosas ao formar, por um determinado período, um

casal composto por duas pessoas do sexo masculino - Bernardinho e Heraldo (Alexandre Slaviero) que manifestavam afetividade mútua - e uma mulher, Dália (Leona Cavalli), com a qual Bernardinho teve uma relação sexual.

Aguinaldo Silva talvez tenha sido o primeiro a apresentar um triângulo com estas características em cena. Nenhuma cena apresentou ou fez menção a uma relação sexual em conjunto entre Bernardinho, Dália e Heraldo. Dália acabou tendo uma filha em função dessas relações e o trio conseguiu na Justiça o direito de registrar a criança com o nome de dois pais. Ao final da novela, Dália e Heraldo ficam juntos, assim como Bernardinho e Carlão, que se casam no civil e vivem "felizes para sempre".

Em *América*, de Glória Perez, exibida de 14 de março a 5 de novembro de 2005, Junior (Bruno Gagliasso) e Zeca (Eram Cordeiro) se apaixonam e protagonizam um dos casais gays mais festejados das últimas telenovelas da Globo. A maior torcida foi pelo beijo gay, que acabou não se concretizando, apesar da informação de que a cena foi gravada pelos atores. Junior e Zeca também não desconstruíram a heteronormatividade. O primeiro é interessado em ser estilista, sensível, delicado e que volta a morar com mãe no interior, em uma fazenda. Lá ele se apaixona pelo peão Zeca, rude, másculo e mais grosseiro.

No entanto, Barbosa (2009, p. 18) destaca que o tratamento humanístico conferido aos personagens homossexuais, principalmente a Júnior, ficou evidente em vários momentos. "De uma forma geral, a autora não hesitou em tocar pontos relevantes das problemáticas vividas por uma parcela considerável dos homossexuais – a questão do conflito identitário; o medo de decepcionar a família; a angústia de esconder dos outros a real face". Isso fez o autor considerar que a representação do casal contribuiu para o combate a homofobia.

Em *A favorita*, exibida de 2 de junho de 2008 a 17 de janeiro de 2009, João Emanuel Carneiro, que criou Pai Gaudêncio em *Da cor do pecado*, construiu as personagens de Stela (Paula Bulamarqui) e de Orlandinho (Iran Malfitano). A primeira era uma cozinheira lésbica que, depois de viver com uma mulher que morre vítima de um câncer, abre um restaurante na cidade de Triunfo e se apaixona por Catarina (Lilia Cabral), que era casada com o machista Leonardo (Jackson Antunes).

Sant'ana e Mesquita (2009) consideraram a personagem Stela foi hipersensibilizada para não reproduzir o estereótipo da lésbica "caminhoneira". Isso teria contribuído para a aceitação e a torcida do público pela personagem mas, por outro lado, Stela, assim como



várias outras personagens aqui analisadas, não tinha vida sexual ativa. Stela também cumpria o papel esperado de uma pessoa do sexo feminino, o que foi reforçado também através da profissão de cozinheira. Apesar disso, a telenovela contribuiu muito para a discussão da homofobia nas cenas em que a personagem enfrentou os preconceitos e na forma como vários outros personagens a apoiaram, a exemplo de Catarina.

Orlandinho, personagem analisado por Sanches (2009), provocou mais polêmica e poderia ter transgredido mais as fronteiras entre os gêneros. Inicialmente, o personagem aparentava ser homossexual enrustido e se dizia apaixonado por Halley (Cauã Reymond), que se aproximou de Orlandinho por interesses financeiros. Não correspondido, Orlandinho casou com Maria do Céu (Deborah Secco) para que a sua família não soubesse que ele era gay. Mais tarde, Orlandinho passou a se sentir atraído sexualmente por Maria do Céu e se apaixonou por ela. Assim, ele teria finalmente descoberto que sempre fora heterossexual, pois nunca tinha consumado nenhum ato sexual homo.

Em toda trama, pairava a dúvida sobre qual era, afinal, a orientação sexual de Orlandinho. Sanches pontua que, apesar disso, o binômio heterossexual/macho versus homossexual/fêmea sempre foi reforçado pela telenovela.

A inexistência de diálogos sobre bissexualidade no enredo permitiu que o binarismo de gênero se perpetuasse nas falas dos personagens. Maria do Céu, D. Geralda e Darcy, do núcleo familiar de Orlandinho, fomentaram esse discurso em muitas cenas. Ao falarem "Você tá virando macho" ou "será que você deixou de ser gay?" conferem bem essa conduta heteronormativa dos personagens no enredo (Sanches, 2009, p. 17).

Nos momentos em que pensava ser gay, Orlandinho parecia mais afetado e, como ele mesmo dizia, tentava ser igual aos demais gays de classe média-alta, ou seja, malhava, usava roupas de grifes famosas, ia a boates, se interessava por moda. Depois, quando passou a ter relações sexuais com Maria do Céu, em alguns momentos, agia como "homem macho", dando a impressão de que estava agindo como ele verdadeiramente era. Nessas ocasiões, os demais personagens chamavam a sua atenção e o alertavam sobre como ele estava deixando de ser gay, interpretação com a qual Orlandinho inicialmente discordava. O personagem foi humanizado ao construir um histórico de necessidade afetiva, além de demonstrar um comportamento ético em relação aos outros personagens da trama. Porém, ele se enquadrava em um modelo heteronormativo de representação (resultado 4).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto acima, podemos elencar algumas das formas com as quais as telenovelas da Rede Globo têm enquadrado os personagens homossexuais em um modelo heteronormativo. Alguns dos recursos que podem ser verificados a partir dessas 10 obras são:

- 1) Apagamento das eventuais diferenças entre heterossexuais e homossexuais. Os personagens se vestem, se comportam, gesticulam e adotam quase que integralmente o modelo hegemônico de vida dos heterossexuais, a exemplo da defesa e vivência de relações sólidas, a necessidade de casar e o desejo de ter filhos;
- 2) A performance de gênero compactua com aquela que comumente é esperada para o sexo biológico da personagem. Assim, as mulheres lésbicas agem como “verdadeiras” mulheres, são delicadas, sensíveis, algumas vezes até hipersensíveis, com profissões geralmente associadas a elas e os homens gays são másculos, ativos, decididos. Ao final das contas, esse tipo de performance colabora para sedimentar ainda mais a exigida coerência entre sexo e gênero. Como Butler (2003) muito bem pontua, esse é um dos grandes motores da heterossexualidade compulsória;
- 3) Adoção de um discurso da normalidade e naturalidade da homossexualidade. O discurso é acionado por algumas dessas representações e também nas entrevistas dos artistas e novelistas, que partem do pressuposto de que existem, então, orientações sexuais que não são normais ou naturais, ou seja, determinadas pela materialidade dos corpos ou, se preferirmos, pela biologia. Ora, aderir sem críticas a esse discurso é simplesmente usar o mesmo argumento dos nossos opressores, ainda que, talvez, isso seja feito de forma não-intencional;
- 4) Submissão do gay afetado ao gay macho ou um casal (gay, lésbico ou mesmo com uma transexual) composto por duas pessoas que assumem com clareza os diferentes papéis, um sendo facilmente identificado como a “mulherzinha” da relação e outro como o “homem macho”;
- 5) Falta de vida sexual ativa. Os gays e lésbicas parecem assexuados, os casais não se beijam, praticamente sequer trocam carícias, ou seja, sua vida sexual é nula. Isso ocorre certamente para não chocar ou afastar telespectadores e também atende aos interesses de um pensamento marcado pela heteronormatividade.

Essas cinco grandes formas acionadas pelas telenovelas certamente não são ou serão as únicas. Elas próprias também se inter-relacionam, ou seja, podemos ver mais de uma delas na mesma telenovela ou até no mesmo personagem a ser analisado. O que temos percebido na pesquisa desenvolvida pelo CUS é que aumentou consideravelmente a quantidade de personagens gays e lésbicas cada vez mais inscritos dentro de um modelo heteronormativo.

Como bem frisa Butler (2003), todos, independente de quem somos, vivemos sob a influência da heteronormatividade. Essa é apenas a prova do quanto ela é poderosa em nossa sociedade. Ou seja, se concordamos com isso, não imaginávamos encontrar personagens que não fossem influenciados pela heteronormatividade. A questão aqui é outra. Trata-se de uma questão de intensidade, do rumo das representações. Pelo visto, o rumo é se aproximar cada vez mais intensamente da heteronormatividade, justo aquela que é, em boa medida, responsável pela criação dos preconceitos e a manutenção da homofobia. E isso, como vimos, ironicamente, pode estar sendo utilizado como um argumento para combater a homofobia.

Por fim, cumpre ressaltar que a permanente criação de representações de gays e lésbicas dentro de um modelo heteronormativo, além do que foi dito, pode estar a criar e refletir apenas um modo de ser gay e lésbica no mundo. E a questão não é ser contra ou a favor deste modelo, pois não estamos propondo uma “homonormatividade” e muito menos nos opondo aos heterossexuais. Isso fica claro em nossos resumos conclusivos, nos quais consideramos que muitos personagens aqui analisados, por serem humanizados, colaboraram, em algum nível, para a diminuição dos preconceitos e da homofobia.

Das dez telenovelas analisadas, esse foi o resultado apontado em seis delas. Em outras três obras tivemos problemas mais intensos, pois os pesquisadores enquadraram as representações no resultado 3, ou seja, os personagens estiveram inscritos dentro de um modelo heteronormativo que contribui para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia. Apenas uma telenovela foi enquadrada no resultado 5, por indicar representação dúbia e produzir dúvida sobre o tratamento dado. Já em outra telenovela, *Da cor do pecado*, a representação foi construída com forte carga de estereótipos que contribuem para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia.

Nenhuma telenovela foi enquadrada no resultado 2, que “caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade queer, constrói um tratamento humanístico e contri-

bui para o combate aos preconceitos e a homofobia". Por isso, o que destacamos é que esse modo hegemônico de representar os homossexuais, dentro e/ou fora das telas, via de regra, rejeita os gays afeminados (o que é uma manifestação homofóbica e também misógina), as lésbicas masculinizadas, os pobres e todos aqueles que preferem o livre transitar entre os sexos, os gêneros, os desejos e as práticas sexuais.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João. *Até que nem tanto esotérico assim. Representação da homossexualidade em Suave veneno*. Trabalho apresentado no V Enecult (Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), realizado em Salvador, de 27 a 29 de maio de 2009. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/Artigos/ATÉ%20QUE%20NEM%20TANTO%20ESOTÉRICO%20ASSIM.pdf>. Acessado em 16 de julho de 2009.

ARAÚJO, João. *O boneco de madeira e a bicha falante. Representação da homossexualidade masculina na telenovela Senhora do destino*. Trabalho apresentado no I Ebecult (Encontro Baiano de Estudos da Cultura), realizado em Salvador, dias 11 e 12 de dezembro de 2008. Disponível em [http://www.cult.ufba.br/pesq\\_cult\\_sexualidade.htm](http://www.cult.ufba.br/pesq_cult_sexualidade.htm). Acessado em 16 de julho de 2009

BARBOSA, Caio. *E quem disse que peão também não é gay? – A Representação da homossexualidade na telenovela América*. Disponível em [http://www.cult.ufba.br/Artigos/E%20quem%20disse%20que%20peão%20também%20não%20é%20gay\\_%20-%20A%20Representação%20da%20Homossexualidade%20na%20Telenovela%20América%20-%20Caio%20Barbosa.pdf](http://www.cult.ufba.br/Artigos/E%20quem%20disse%20que%20peão%20também%20não%20é%20gay_%20-%20A%20Representação%20da%20Homossexualidade%20na%20Telenovela%20América%20-%20Caio%20Barbosa.pdf). Acessado em 16 de julho de 2009.

BRAGA, Cíntia Guedes. *A representação da homossexualidade na telenovela Torre de Babel*. Texto inédito.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In LOURO, Guaciara Lopes. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, pp.151-172.

COLLING, Leandro. *Aquenda a metodologia! uma proposta a partir da análise de Avental todo sujo de ovo. Bagoas: estudos gays - gêneros e sexualidades, volume 2, número 2, Natal, EDUFN, 2008, pp. 153-170.*

COLLING, Leandro. *Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. Revista Gênero, volume 8, número 1, segundo semestre de 2007, Niterói: EDUFF, pp. 207-222.*

COLLING, Leandro e BARBOSA, Caio. *A representação da homossexualidade na telenovela Duas Caras*. Texto apresentado no IV Congresso da Abekh (Associação Brasileira de Estudos

da Homocultura), realizado em São Paulo, de 9 a 12 setembro de 2008. Disponível em [http://www.cult.ufba.br/pesq\\_cult\\_sexualidade.htm](http://www.cult.ufba.br/pesq_cult_sexualidade.htm). Acessado em 16 de julho de 2009.

COLLING, Leandro e SANCHES, Júlio César. *Quebrando o complexo de Gabriela. Uma análise da transexualidade na telenovela As filhas da mãe*. Trabalho apresentado no I Ebecult (Encontro Baiano de Estudos da Cultura), realizado em Salvador, dias 11 e 12 de dezembro de 2008. Disponível em [http://www.cult.ufba.br/pesq\\_cult\\_sexualidade.htm](http://www.cult.ufba.br/pesq_cult_sexualidade.htm). Acessado em 16 de julho de 2009.

LIMA, Marcelo. *Estranhas no "Paraíso": Análise das personagens homossexuais femininas em Senhora do Destino*. Trabalho apresentado no I Ebecult (Encontro Baiano de Estudos da Cultura), realizado em Salvador, dias 11 e 12 de dezembro de 2008. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/Estranhas%20No%20Para%EDso%20%20An%20E1lise%20Senhora%20do%20Destino.pdf>. Acessado em 16 de julho de 2009.

LOPES, Maycon Silva. *Sapatilhas acanhadas: a homossexualidade na telenovela Mulheres apaixonadas*. Trabalho apresentado no I Ebecult (Encontro Baiano de Estudos da Cultura), realizado em Salvador, dias 11 e 12 de dezembro de 2008. Disponível em [http://www.cult.ufba.br/pesq\\_cult\\_sexualidade.htm](http://www.cult.ufba.br/pesq_cult_sexualidade.htm). Acessado em 16 de julho de 2009.

MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a questão das diferenças*. In: 16º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), 2007, Campinas. No Mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las. Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, 2007. v. 1. p. 1-19. Disponível em [http://www.alb.com.br/anais16/prog\\_pdf/prog03\\_01.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf). Acessado em 15 de julho de 2009.

MORENO, Antonio. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Niterói, EdUFF, 2001.

PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PIRAJÁ, Tess Chamusca. *Misticismo caricato e sexualidade insinuada na telenovela Da Cor do pecado*. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/Artigos/Misticismo%20caricato%20e%20sexualidade%20insinuada%20na%20telenovela%20Da%20Cor%20do%20Pecado.pdf>. Acessado em 16 de julho de 2009.

PRINS, Baukje, MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. In: *Revista Estudos Feministas*. Volume 10, número 1, Florianópolis, janeiro de 2002, pp. 155-167.

SANCHES, Júlio César. *Gay, Bi ou hetero (normativo)? A homossexualidade masculina na novela A favorita*. Trabalho apresentado no V Enecult (Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), realizado em Salvador, de 27 a 29 de maio de 2009.

SANTANA, Thiago e MESQUITA, Gislene. *O triunfo da sensibilidade: a representação da homossexualidade feminina em A favorita*. Trabalho apresentado no V Enecult (Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), realizado em Salvador, de 27 a 29 de maio de 2009. Disponível em [http://www.cult.ufba.br/a\\_favorita\\_-\\_artigo\\_final%5B1%5D%5B1%5D.doc.pdf](http://www.cult.ufba.br/a_favorita_-_artigo_final%5B1%5D%5B1%5D.doc.pdf). Acessado em 16 de julho de 2009.

SANTOS, Matheus. *O casal "normal" - análise da representação de homossexuais na telenovela Páginas da vida*. Texto inédito.